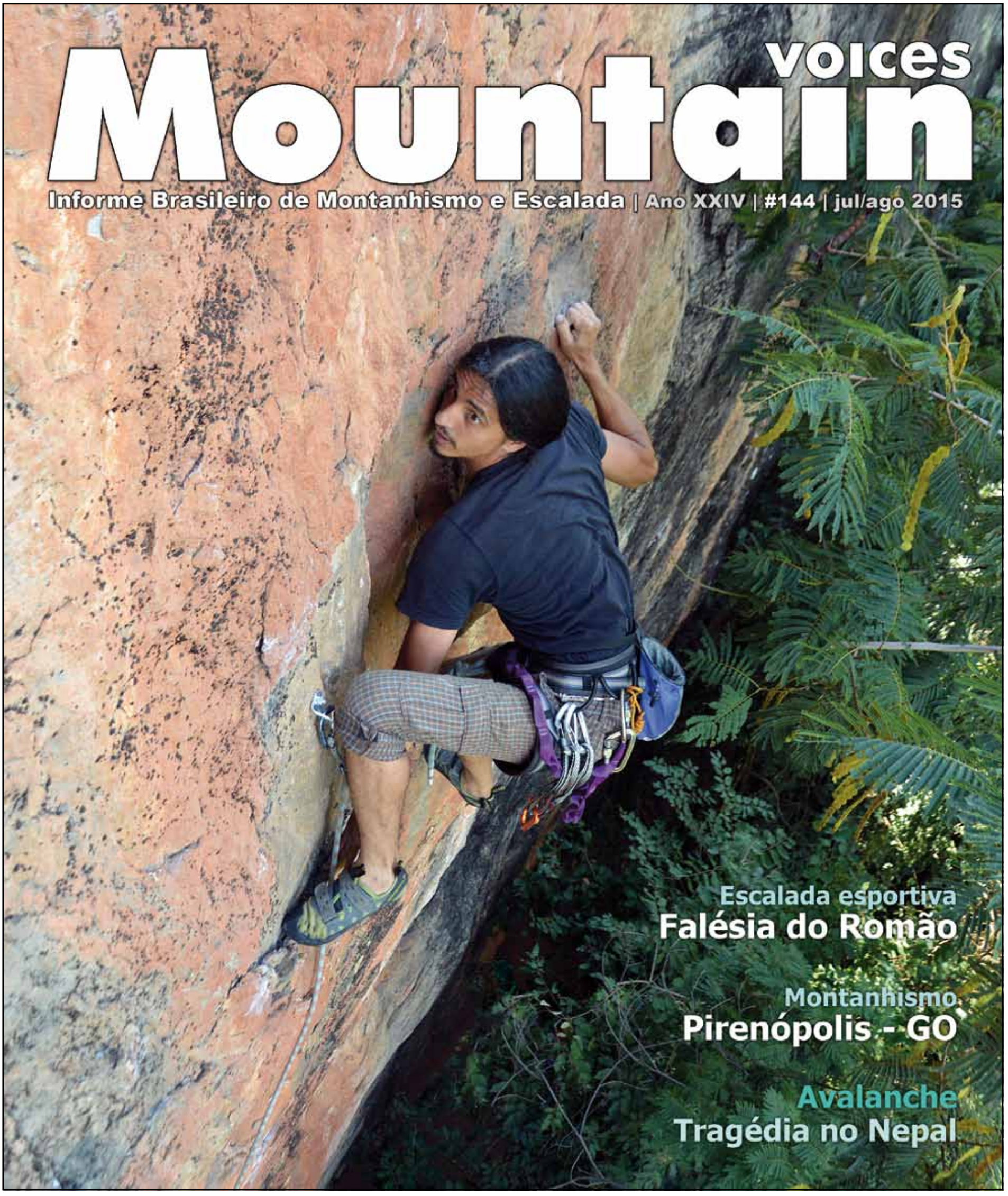
Mountain VOICES

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXIV | #144 | jul/ago 2015



Escalada esportiva
Falésia do Romão

Montanhismo
Pirenópolis - GO

Avalanche
Tragédia no Nepal

Time out ou Game over

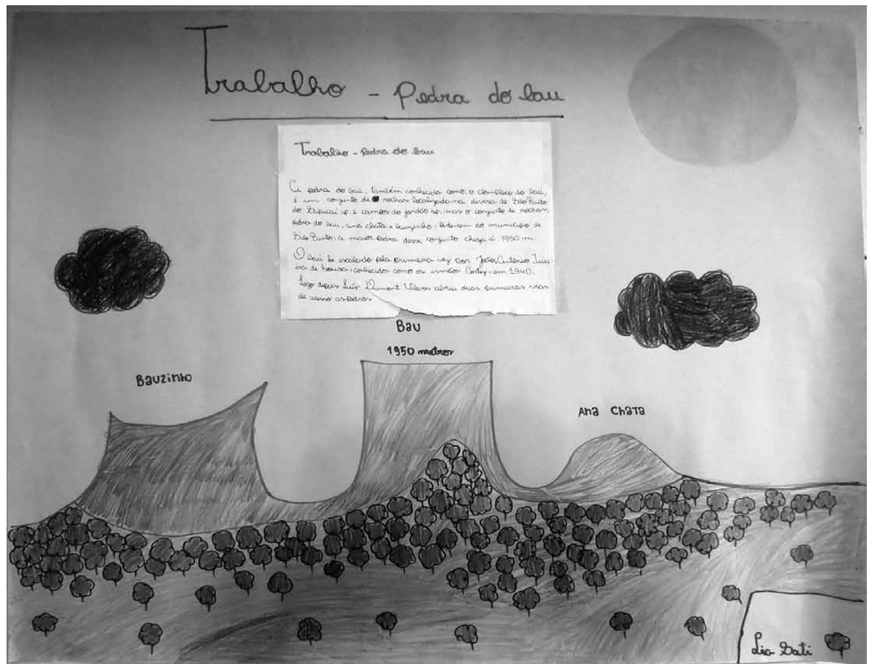
Ana Fujita | SP

A minha vida profissional costuma ser um desafio para a minha auto estima. Sou anestesista de crianças. Em geral os pais tem medo de verem seus filhos submetidos a uma cirurgia e pavor da anestesia. Abrir a cabeça? Tudo bem. Anestesia geral? A família olha em pânico, começam as lágrimas e orações. O meu esporte favorito também costuma causar a mesma reação. Para a família, os amigos e colegas ser escaladora é praticamente uma declaração de falta de amor à vida ou de estupidez irremediável (alguns mais otimistas acreditam que é um ato de coragem sobre humana). Estão todos enganados: nem anestesia é tão perigoso assim, nem estou tentando desencarnar. Obviamente são duas atividades em que existe risco de vida, mas esse risco pode ser medido, avaliado e minimizado.

Na anestesia (que é o campo que eu conheço melhor) as mortes diminuíram muito nos últimos anos: os equipamentos melhoraram e passaram a ter mecanismos contra a distração (por exemplo, a pessoa não consegue mais trocar a mangueira de oxigênio pela de ar comprimido); a indústria farmacêutica evoluiu (os remédios mais perigosos foram retirados do mercado) e a cultura de segurança se estabeleceu. Na verdade, quando se percebeu que a maior parte das mortes acontecia por falhas das pessoas, começamos a copiar a aviação e adotar mecanismos de defesa para nos proteger dos nossos próprios erros, do cansaço, de uma noite mal dormida, da pressa, das contas pra pagar, da paquera com o coleguinha, dos planos de férias e de tudo mais que pode desviar a nossa atenção na hora H. Então eu aprendi que todo dia, em todas as anestesias, em todos os pacientes, existe uma seqüência de pequenos procedimentos, muito simples, mas que nunca podem ser deixados de lado. Coisa besta: ver se os aparelhos funcionam, se tem pilha nos equipamentos, se os dispositivos são adequados ao tamanho do paciente, se no caso de uma tragédia eu tenho os remédios para reanimação. Isso não é um hábito pessoal meu: é a rotina de segurança da minha especialidade.

Nas últimas décadas, a coisa mais importante que aconteceu para a segurança em cirurgias foi o “time out”. É uma rotina de perguntas simples, simplérrimas. Tem gente que nem gosta de participar, se sente ofendido. Antes de todas as cirurgias a equipe envolvida faz uma rotina de confirmação: esse é o paciente certo? A cirurgia planejada certa? Do lado certo? Os equipamentos estão adequados para o plano? Estão testados? Se alguma pessoa envolvida tiver alguma dúvida, esse é o momento de esclarecimento. Dura um minuto. Mesmo quem não gosta é obrigado a participar, porque isso comprovadamente diminui estupendamente os erros.

Tá, não precisa ser um gênio pra entender o que isso tem a ver com um jornal de montanhismo e escalada. Em apenas um par de anos como escaladora amadora, já ouvi alguns relatos de acidentes graves ou fatais e a maioria desses eventos tem falhas das rotinas de segurança. Todo mundo sabe de alguma história de horror: pessoa que entra no rapel sem o rapel estar montado, corda sem nó na ponta que vaza do freio. O mais recente foi um escalador que clipou o top rope no cordão do magnésio em uma academia. Naturalmente, não existe um truque para acabar para sempre com esse tipo de evento. Uma das poucas verdades absolutas do mundo é que todas as pessoas erram (eu sei, isso pode ser chocante para alguns...). Inocentemente, eu acho que ter mecanismos de proteção contra nós mesmos funciona na anestesia e pode funcionar na escalada (as mesmas contas pra pagar, as mesmas noites mal dormidas, as mesmas paqueras). Equipamentos anti distração (porque os sacos de magnésio ter cordões? e se tem, porque eles não suportam o peso de um corpo?) e rotinas de confirmações simples, simplérrimas antes de começar qualquer coisa são óbvias e funcionam desde que sempre, sempre, sempre sejam seguidas. Uma cultura de segurança leva anos, décadas para ser construída, e depende de todas as ascensões. . Milhares, milhões delas para se consolidar. Depende especialmente de você escalador adotar essas perguntinhas (ninguém vai te obrigar, nenhum equipamento vai substituir isso), a rotina mental sobre a sua segurança, sua cadeirinha,seu rapel, sobre seus equipamentos e seus planos.



Desenho de Lia Sati

Senta que lá vem história...
O ano é 1992, o recém-iniciado na escalada entra na maior loja de equipamentos de Curitiba (na época), e nas paredes estão fixados vários pôsteres de escaladores gringos, Stefan Glowacks, Wolfgang Gullich entre outros, mas havia ali também fotos de montanhas locais e seus conquistadores, uma vez que a escalada no Brasil se desenvolveu através do Paraná e Rio de Janeiro inicialmente.

Tive a enorme sorte de ter começado a escalar em Curitiba, pois ali a cultura e a proximidade com gerações fundadoras da escalada eram uma forma de estar em contato com a história constantemente, o que, infelizmente, se perdeu atualmente. O nome Wolfgang Gullich é um exemplo de que é lembrado sim pelos grandes feitos, mas muita gente só o conhece por ele ter deixado um legado de vias de altíssimo grau, difíceis atualmente, ou seja, a história sendo perseguida pelo grau não pela obra prima de seu criador, e nesta mesma situação entram muitos outros nomes em todas as modalidades.
Chega a ser engraçado como a atual geração segue deslumbrada com o esporte, algo muito bom, mas escalam sem se dar conta de como aquilo tudo chegou até aquele ponto, vias, boulders, grandes paredes e competições sendo praticadas por um movimento quase de consciência coletiva...é legal, está na moda, saiu na Forbes como esporte em evidência, vamos praticar também, mas desta grande massa que vem praticando a escalada, quantos vão realmente a fundo à questão de querer saber quem iniciou tal modalidade, quem foram os pioneiros? Quem descobriu o local, quem desenvolveu trabalhos no local, como funciona a ética estabelecida há anos? E isso falando só de uma modalidade. E quantos mergulham em querer saber que se estou escalando hoje é porque algum dia a escalada surgiu, mas onde? Quando? Por quê? Seja ela a história mundial, passando pela continental, regional e chegando até sua modalidade favorita na sua cidade. O ser humano em geral tem memória curta mesmo, talvez o escalador aficionado tenha esta memória mais curta ainda, e preocupado em atingir grandes feitos, o grau mais alto a via mais difícil, a parede mais alta e mais complexa, deixa passar que muito conhecimento, técnica e sacrifício foram feitos pela escalada. Fazem Boulder sem ao menos saber quem foi John Gill. Competem sem saber onde foi concebida a modalidade e seus primeiros vencedores, estão nas paredes sem saber quem foram os pioneiros, os reais desbravadores que deram a cara à tapa diante de tamanho desafio.
O escalador atual visa desempenho e reconhecimento, ahhh...o reconhecimento. Engraçado como todo escalador quer seus 15 minutos de fama, esquecendo ou passando por cima de tudo que um dia foi ensinado, muitas vezes até escrito e documentado, e que se tenta perpetuar com a história, seja com grandes feitos ou grandes nomes. Acabam passando por cima por várias vezes da própria ética, seja local ou global, com o argumento da constante evolução, que a nova geração tem uma visão mais evoluída. Concordamos que muito já se discutiu sobre diversos assuntos referentes à evolução geral, de como novos equipamentos e técnicas podem e devem ser utilizados para se evoluir, mas uma coisa é certa, a experiência e informações coletadas dos mais "antigos" no meio não podem ser simplesmente ignoradas e devem ser consideradas.
A maioria entra em diversos sites pra saber quem fez o quê de mais difícil ou de novo na escalada mundial ou nacional, os blogs e sites constantemente entrevistam a nova geração, o indivíduo que fez está em evidência, isso é muito rápido e fácil, quero ver tirar um tempo pra fazer uma pesquisa detalhada sobre a história que seja de sua modalidade de preferência, ou uma entrevista com escaladores que já contribuíram extremamente para a escalada.

www.mountainvoices.com.br

Não, pelo visto isso dá muito mais trabalho do que ficar correndo atrás do grau e da visibilidade ao postar suas cadenas no www.8a.nu.
O mundo gira cada dia mais rápido e, com ele, as notícias e os nomes mais antigos vão caindo cada vez mais rápido no esquecimento tomado pela nova geração, mas poucos escaladores se dão conta do quão gratificante é sentar e ouvir histórias de conquistas ou escaladas de décadas atrás, ou saber reconhecer quem tanto contribuiu para que Adan Ondra e Cia possam ter chegado atualmente ao topo.
E o que mais impressiona é que, trabalhando com aulas infantis de escalada, uma simples lição de casa sobre fazer um trabalho contando sobre a história da escalada local, nacional ou global, é feito com tanto carinho e dedicação, pesquisando, escrevendo a mão e pintando, que até os pequenos de 6 anos de idade já tem mais conhecimento sobre história local do que a grande maioria frequentadora em massa de final de semana. Que tal fazer uma pesquisa para se saber a origem das competições indoor, por exemplo? Garanto que vão se surpreender. Boas escaladas.
André Belê Berezoski - apoios Conquista Montanhismo, 5.10 e 4Climb.

ARMAZÉM AVENTURA OUTLET · BRECHÓ
OUTLET & BRECHÓ
Camping Montanhismo Escalada Vestuário
... e muito mais
• Reduzir • Reparar • Reutilizar •
• Reciclar • Reimaginar •
A única do gênero no Brasil !
www.armazemaventura.com.br

Mais que uma loja de equipamentos outdoor
NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA
Ambiente descontraído
Assistência personalizada
Suporte técnico
As melhores marcas
Black Diamond · PETZL · edelweiss · CAMP · LA SPORTIVA
CLIMB · BONIER · CURTLO · deuter · THE NORTH FACE
BIVAK OUTFITTER
e-commerce: www.bivak.com.br
11 2308 6995
Rua Caramuru, 523
Metrô Praça da Árvore, São Paulo

deuter
Que tal fazer o Test Drive de uma Deuter? Cadastre-se!
Faça sua inscrição pelo link ao lado. Se preferir, use a câmera do seu smartphone para ler o código QR Code.
Boa Sorte!
bit.ly/DeuterTestDriveMV
DEUTER · deuter · TEST DRIVE
sac@deuter.com.br
www.deuter.com.br

www.mountainvoices.com.br

Terremoto no Nepal

O dia em que nasci de novo

Texto: Carlos Santalena

Um dia que seria lembrado para sempre, o dia que tive a sensação de ter nascido novamente. Acordamos as 6:30am e como de costume ficamos alguns minutos a mais dentro do saco de dormir, até que o sol pudesse esquentar o quarto frio que marcava 0 graus célsius, durante a noite.

Comemos um pão com queijo e um ovo cozido, organizamos a mochila e exatamente as 9:30am estávamos na trilha saindo do vilarejo de Pheriche (4250m) e seguindo para o vilarejo de Lobuche (4900m), o clima estava adverso, muitas nuvens e nevadas intermitentes, após 1 hora e 400m de desnível percorridos estávamos em Tukla (4650m), um vilarejo pequeno e pitoresco, que fica exatamente nos pés da maior subida a ser enfrentada naquele dia, não só pelo desnível mas principalmente pela inclinação. Eduardo sentia fome e ali paramos para comer uma sopa de miojo, também chamada de “rara noodle soup”, sendo assim um dos alimentos típicos da população local, recarregamos a energia.

Após Tukla, uma subida íngreme e chegamos ao memorial aos mortos, ali paramos para estender bandeiras de orações budistas a pedido de Lama Geshe , as bandeiras funcionariam como uma oferenda aos falecidos na montanha, e certamente serviriam como um bom agouro para nossa escalada do Lhotse (8516m). Não sabíamos o que estava por vir e ali acabamos perdendo um bom tempo com este ritual.

Mais 30 minutos e estávamos em Lobuche, onde pernoitaríamos para no dia seguinte seguirmos mais 4hs de caminhada até o base camp. Ao chegar em Lobuche , tomamos 1 xicara de chá e pipocas para comer como de costume, quando estava terminando de tomar o chá, escuto um barulho estranho e sinto meus pés tremerem, olho para xicara e meu chá quase acabando salta da xicara e enche a mesa, olho ao outro lado e já estavam todos correndo assustados e começando a evacuar o alojamento, quando grito impulsivamente meu parceiro Jose Eduardo:

- Corre Lemao, corre, vamos sair daqui.

Ele com rosto apavorado corre comigo com uma rapidez e força jamais exercidas anteriormente naquela altitude. Observando já de fora do Lodge e ao cessar o tremor, vimos 2 paredes de 2 dos alojamentos desabando em nossa frente, automaticamente sabíamos que o estrago havia sido grande , quando escutamos uma avalanche na direção do base camp.

Paralisamos eu Eduardo e o dono do alojamento Nuru Sherpa , que de uma coloração morena havia passado para amarelado, foram segundos que mais pareceram horas , onde a mente não pensava em nada e a sensação de impotência tomava conta de nós.Passado os barulhos e tremores, começo a chorar e lembrar da minha família e das pessoas que verdadeiramente amo, em situações extremas temos a tendência de pensar em apenas algumas pessoas, costumamos contar nos dedos, e certamente são estas pessoas que fazem diferença em nossas vidas.

A adrenalina fez com que eu ficasse eufórico por mais algumas horas.

Começamos a ligar para o Brasil através do telefone satelital e descobrimos que uma grande catástrofe havia acabado de acontecer, um terremoto de escala 7.8, havia destruído parte da cidade de Kathmandu.

A avalanche que havíamos escutado, havia destruído 1/3 do acampamento base e os avisos de alerta estavam latentes, pois esperavam mais 4 tremores de escalas menores, também chamados de aftershoks.

Passamos o dia inteiro tenso, com as pernas bambas e qualquer pequeno barulho nos fazia correr para fora do estabelecimento com muito medo que desmoronassem sobre nossas cabeças. O medo, a angustia e a tristeza nos dominavam lentamente.

Outros 2 tremores menores aconteceram ao final da tarde e quando resolvemos descansar um pouco, próximos a porta do alojamento, com nossos sacos de dormir, as 24hs veio outro, que fez com que nossos corações disparassem mais uma vez. Saímos mais uma vez ao lado de fora despertando completamente em minutos, o gasto energético foi altíssimo e nos sentimos tontos por levantar tão bruscamente naquela altitude, mais uma vez me emocionei pensando naqueles que apenas à 4hs de caminhada de onde estávamos haviam perdido suas vidas.

Percebendo a seriedade da catástrofe, tentei dormir portando 2 telefones, agua, chocolates, alguns medicamentos, óculos escuros para neve, botas para poder sair repentinamente e abrigos , certamente foi a pior e mais angustiante noite que já passei. Pensava nas mortes por todo tempo, nos feridos, e que eu poderia estar lá se não fossem os atrasos realizados pelas bandeirinhas de oração de Lama Geshe. No mesmo momento que pensava nas repercussões ruins era inevitável pensar que eu estava bem e ser agradecido a Deus por estar ainda ali.

Tinha um aperto no coração atrelado a sensação de ter nascido novamente, tomei a decisão naquele mesmo momento e junto de meu parceiro que iriamos desta vez ajudar o povo e que iriamos destinar o que podíamos de nosso tempo não utilizado na expedição para reconstruir a alegria sobretudo naquelas pessoas que já tínhamos grande vinculo emocional, por ir ao Nepal pelo menos 2 vezes ao ano.

Panorama Geral de Kathmandu:

O Nepal já é um país bastante pobre economicamente e não possui boa organização governamental. O turista por lá é reverenciado uma vez que a principal fonte de renda do Nepal é o turismo.

Em Kathmandu a destruição esta mais nos subúrbios e regiões mais precárias distantes dos grandes centros de turismo, com exceção dos centros dos antigos reinados de Patan , Bhaktapur e Kathmandu, chamados também de Durbar Square que eram construções mais antigas. Dados atuais mostram que 3 dos 8 patrimônios da humanidade credenciados pela Unesco foram 40% afetados, estradas de ligação estão sem danos que impeçam a circulação e ainda podemos relatar que 90% dos hotéis da cidade funcionam normalmente e que existe comunicação via internet e telefone normalmente. Nota-se que construções mais antigas e que eram feitas apenas de barro e pedras não suportaram os tremores.

O Bairro Thamel mais turístico da cidade de voltou a funcionar normalmente no dia 05/05/2015, todos os restaurantes e hotéis da região continuam funcionando com exceções das construções mais antigas que foram afetadas, em sua maioria distantes de onde costumam ficar os viajantes.

A região do Nepal mais afetada e onde teve o epicentro do terremoto próximo, se chama Bharatpur e se encontra próxima a Langtang ,próximo também as duas principais cidades turísticas , esta região foi extremamente afetada e está recebendo constante auxilio de órgãos internacionais.

Os templos que costumamos visitar continuam sendo visitados e não sofreram com o terremoto, são eles: Pashupatinath e Boudanath (este teve uma parte danificada que já esta sendo reparada).

O terremoto do dia 12/05 em escala 7.4, o mais forte após o primeiro que aconteceu próximo das 12hs do dia 25/04 e atingiu 7.8 graus na escala Richter, deixou a população nepalesa bastante assustada. Atualmente a grande maioria da população esta dormindo em barracas, pois tremores menores continuaram com certa frequência. O povo sempre foi bastante tranquilo e sempre viveu em harmonia entre si mesmo com todos os problemas existentes em seu país, e estão atualmente vivendo um momento de reconstrução cultural e emocional, cada vez se fortalecendo mais na questão da solidariedade ao próximo.

Aeroporto de Kathmandu e Lukla:

Após o primeiro terremoto do dia 25/04, o aeroporto de Kathmandu passou a funcionar regularmente no dia seguinte, obviamente dando prioridade a voos de resgate em aéreas remotas ou carregamento de suprimentos a regiões mais afetadas. O Aeroporto de Lukla funciona normalmente e está também priorizando as necessidades dos desabrigados. Segundo fontes locais do ministério do turismo 0% dos aeroportos nacionais e internacionais do país foram afetados.

Everest base camp Trekking e Parques Nacionais:

De todos os vilarejos da trilha do Everest, os mais afetados foram: Thame, Khumjung , Khunde, Machermo e Phortse. Dos vilarejos que sempre utilizamos em nossos roteiros o mais afetado foi Pheriche, onde o Lodge que costumamos ficar perdeu sua área comum com desabamentos.

A região do Everest seguiu recebendo turistas após todo acontecimento, mesmo que fossem mínimos, e não foi nem de longe a região mais afetada, pretendem ter o mês de maio e junho para reparar danos e esperar que a próxima temporada volte a ser forte comercialmente.

Os falecimentos aconteceram no Campo Base devido a enorme avalanche que desceu das montanhas Pumori e Lingtreen, estas avalanches acontecem no BC com certa frequência, o grande agravante deste ano é que o terremoto gerou uma avalanche de força e tamanho inesperados, e pegou de surpresa aqueles que estavam ali tentando escalar, nota-se que nenhum trekker foi atingido justamente por pararem sempre no marco e não avançarem para dentro do acampamento em si que fica a aproximadamente 20min de caminhada do marco, em contrapartida 18 pessoas faleceram no Base Camp, superando a tragédia do ano passado, sendo assim a maior tragédia na montanha nos últimos tempos, além dos 18 falecidos, tivemos um numero de aproximadamente 70 feridos, todos foram evacuados com rapidez e eficiência em menos de 48hs de trabalho das equipes de resgate. A área central do acampamento foi a mais atingida, as extremidades mais próximas do Mt. Khumbutse e próximas a cascata de gelo foram menos afetadas.

Poderíamos esperar avalanches, deslizamentos, nevascas ininterruptas, mas de forma alguma um terremoto com esta magnitude, ainda mais afetando o lugar considerado mais seguro da escalada que é o campo base.

Desta vez quem estava montanha acima entre os Campos 1 e 2 puderam sentir fortemente o terremoto, e como tivemos relato, passaram momentos de grande susto, porém felizmente retornaram todos com vida e posteriormente foram retirados da montanha utilizando os helicópteros de resgate.

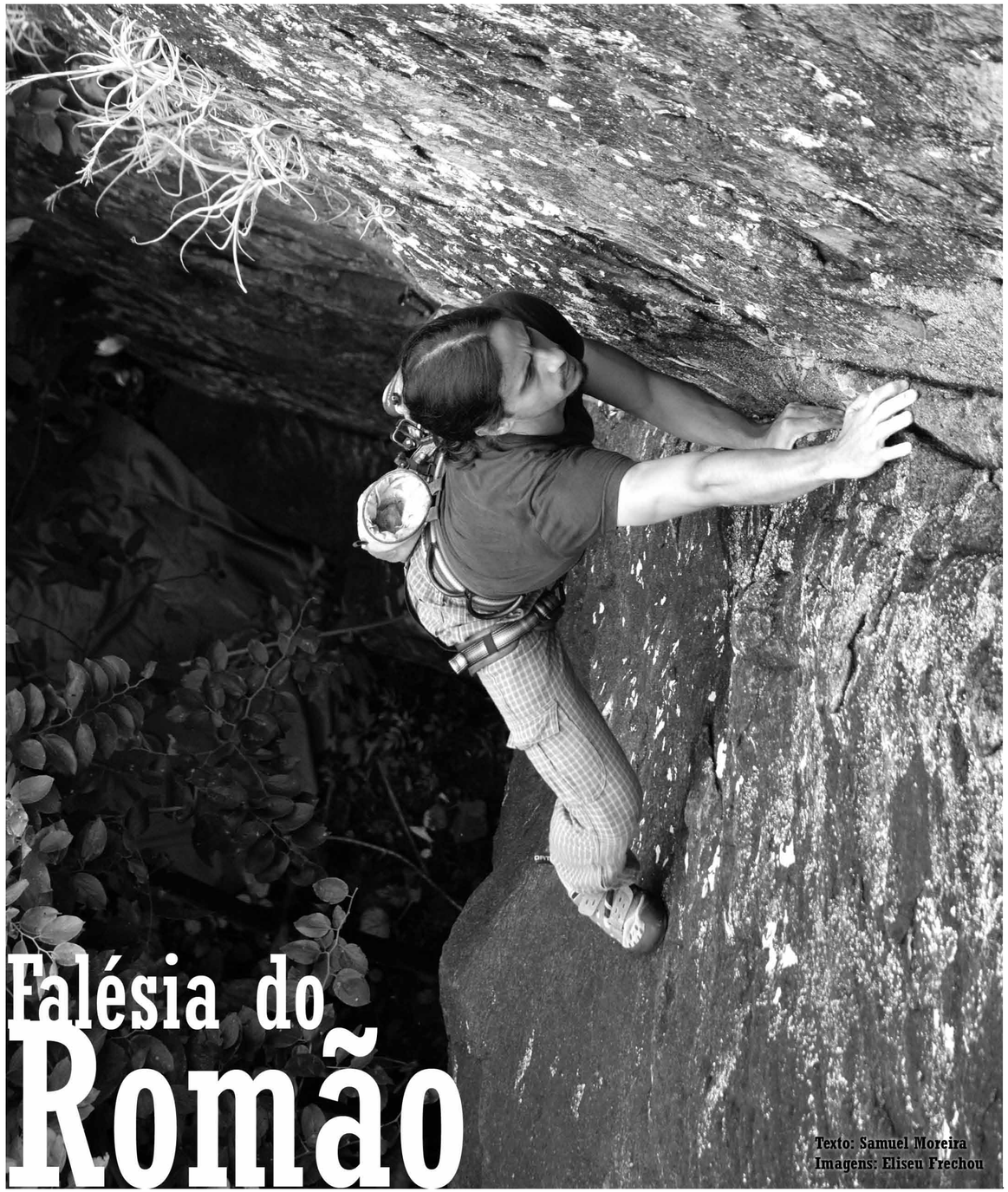
De todos os 10 parques nacionais existentes apenas 1 foi extremamente afetado que seria o trekking de Langtang, além disso a região do Manaslu atualmente se encontra com pedaços de trilha desaparecidos por conta de deslizamentos, os quais esperamos que estejam já melhores para próxima temporada.

Perspectivas:

Vendo o país como está, e a situação precária que já existia mesmo antes de qualquer catástrofe natural, vejo que os templos nos antigos centros serão reconstruídos rapidamente, primeiro por representar parte da identidade do povo nepalês e segundo por ser parte importante para continuação do turismo no país. Os vilarejos mais afastados dos grandes centros, sobretudo aqueles que já não tinham influência do turismo, sofrerão para conseguir reconstruir o que foi perdido, pela baixa condição financeira e alcance de poucos auxílios do exterior. As ajudas pontuais e direcionadas são sempre mais eficientes e menos burocráticas do que as ajudas vindas de grandes organizações; nestas pequenas ações também temos a chance de ver o que realmente investimos e onde exatamente esta sendo aplicado.

O país no momento precisa de reconstrução em todos os sentidos, material, emocional, psicológico e fazer o que eles sabem bem que é vislumbrar sempre o lado espiritual, esta necessidade vem atrelada ao conhecimento que podemos levar até eles, para que tomem maior consciência sobre estes eventos naturais e para que possam reconstruir de forma a evitar futuros problemas com eventos da mesma natureza.

Já vimos na historia muitos países sofrendo com grandes perdas ocorridas por catástrofes naturais, no entanto muitos destes lugares continuam sendo visitados todos os anos, o mesmo deve acontecer no Nepal, mais do que isso o Nepal já era um pais carente e já não tinha conhecimento e tecnologia para suportar estas perdas, por isso o Nepal agora precisa de nossa ajuda ainda mais.



Falésia do Romão

Texto: Samuel Moreira
Imagens: Eliseu Frechou

Logo ali, no sul de minas...
A Pedra do Romão é uma bela formação rochosa, situada na pequena cidade de Cachoeira de Minas, sul das Minas Gerais, nas encostas da Serra dos Machados, a 40km de São Bento do Sapucaí. Tem sua face voltada para o leste e está dentro das propriedades do Sr. Tonito e Dona Rosa. A cidade possui uma estrutura típica de "cidade de interior": ruas pavimentadas com paralelepípedos, algumas casas antigas, festas juninas tradicionais, uma praça central onde fica a Igreja Matriz, pequenos comércios e poucos prédios. A população é bastante receptiva. A principal rodovia que corta o município é a MG-173, Antônio Simões de Almeida, e rodovias adjacentes, como a BR 459, e a BR 381.

Acesso

O Acesso a base das vias é feito margeando a residencia do Sr. Tonito e Dª Rosa, então pare e apresente-se, seja cortes e gentil com os proprietarios. O caminho pode ser feito de carro, até uma área reservada para estacionamento que fica a menos de 5 mintos da base das vias. Este acesso é feito por estrada de terra batida, por entre pés de cafés, e um bananal. Fiquem atentos aos carros baixos, em periodos de chuva costuma-se ficar bem escorregadio e forman-se valetas, devido ao corte da enxurrada. Outra opção é subir caminhando. Após contornar a residencia de Dª Rosa e Srº Tonito, estacione o carro no terreiro de café e suba pela estrada, pela porteira logo a esquerda. A caminhada deve durar de 10 a 15min. Mas fique atento, pois a cerca é eletrificada para controle do gado, durante o caminho, tanto de carro quanto a pé, existem três porteiras, mantenha-as sempre fechadas. Dentro da propriedade existem alguns cães, mansos, porem quando na presença de estranhos costumam latir bastante. Então se for levar seu amigo canino junto com você, leve-o na coleira para evitar transtornos.

O Setor

Com aproximadamente 80 metros de altura a Pedra do Romão possui hoje mais de 30 vias de escalada, que variam do 4° ao 9a (BR). A rocha é formada predominantemente por Gnaisse, com granulação média/grossa, e o estilo de escalada predominante é a escalada esportiva, com vias fortes bem protegidas e técnicas, em sua grande maioria sétimos, repletos de regletes. Como tem sua face voltada para o leste, como ja foi dito, o melhor horario para escalar é no período da tarde, porém nada impede uma escalada matinal, ja que a maioria das vias não ultrapassam os 25mts e finalizam na copa das arvores, fazendo sombra em toda sua linha. Ja quanto a época do ano, os meses entre abril e setembro são a melhor opção, ja que no verão fica impossibilitado de escalar, devido as fortes chuvas e aos pernilongos que incomodam bastante. A trilha é muito boa e demarcada, em alguns pontos foram feitos contenções, para facilitar o acesso em trechos um pouco mais ingrimes e evitar ainda mais a degradação do solo.

Desenvolvimento das vias

O pico começou a ser desenvolvido entre os anos de 2004 a 2008, por escaladores da região e pelo escalador local Antônio Ribeiro. Segundo o escalador José Nunes, um belo dia (isso la em 2004/05) depois de escalar em São Bento, no caminho ele avistou a Pedra e foi conferir: "Eu cheguei por la na época e fiquei impressionado, eu estava a procura de um setor novo onde pudesse ser abertas algumas vias faceis, o que não foi o caso", conta ele. Nesta época foram conquistadas algumas das vias do local, e as mais clássicas e frequentadas pelos escaladores. Como é o caso da Via "Puberdade", conquista do amigo Antonio Ribeiro. Um 7a que tem uma saída bem tecnica, passa por lances de boas e grandes agarras e entra em baixo de um pequeno teto, com pequenas pinças de tres dedos, alguns regletes pequenos e levemente negativa. Por ser situada em um setor onde a base é muito boa e plana, a Via "Puberdade" é ponto de encontro da galéra. Outras duas vias que tambem são bastante frequentadas são a "Diedroaresta" e Tia "Mada", 7a e 5up respectivas, tanto pela escalada prazerosa quanto pelo grau de técnica das vias.
No setor Diedro é onde fica atualmente a única via que faz cume no Romão. A via "Rosa do Romão", com grau sugerido em 6° VIsup E2 90mts e foi conquistada pelos escaladores Antonio Ribeiro e José Nunes. Assim como outras vias no setor, ela tem lances onde ha possibilidade de se proteger lances em móvel, o que a torna ainda mais interessante. Uma linda linha com 3 enfiadas e que finaliza no ponto mais alto do Romão. Ela tem duas opções de saída, pela via Diedroaresta 7a, ou pela Via Naturalmente 7c. Segundo informações, foram raras as ascenções ao cume por esta via devido as exigentes opçoes de saída, o que limita escaladores menos experientes de poder escalá-la. Recentemente o escalador Samuel Moreira, juntamente com seu parceiro Luigi, realizaram a segunda repetição da via. No momento existe um projeto de outra via de cume, a via "Tóca do Rato"4°VIsup. È uma linha que esta sendo conquistada em livre em boa parte, pelos escaladores Samuel Moreira e Antonio Ribeiro, com apoio da escaladora Shirlei Machado, ambos de Cachoeira de Minas. Até então está com 3 enfiadas, sendo a terceira feita em móvel, porém não esta finalizada. Alguns escaladores costumam entrar apenas na primeira cordada de 4° para se divertirem. "Quando avistei esta linha era pra ser uma linha mais fácil, mas durante sua conquista foi se mostrando mais exigente do que pensavamos quando a iniciamos". Ela passa por lances de aderencia em alguns trechos e outros levemente negativos.

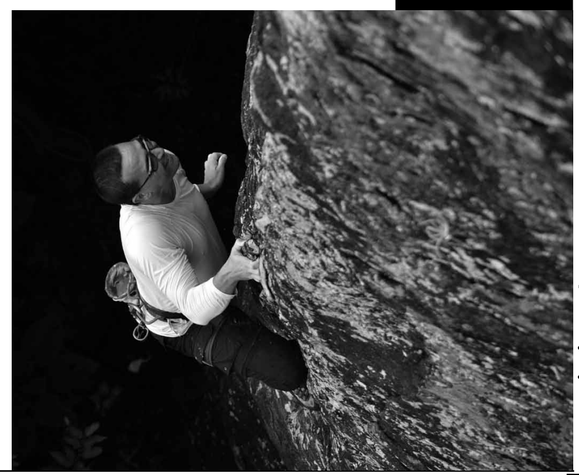
Escalada móvel

Ja pra quem gosta de escalar em móvel, a Via "Suprarenal 5°sup, E2" no setor chegada é a grande sacada, conquistada em 2006 por Antonio Ribeiro e Eduardo Domicini. Se trata de uma linha com aproximadamente 25mts, onde ha possibilidade de proteger toda em móvel, com apenas um grampo logo na saída e dois na parada. Uma linha óbvia e com boas opçoes de colocações, ideal para quem esta começando a "brincar" e se arriscar neste estilo de escalada, assim como a "Via Pink e Cerebro" 4°. Outras opções são as vias mistas"Na pressão" 7c, "Na fissura" 6sup, "Navirada" 4°, "Depois da Virada" 4°, "Dipirona" 7a, "Curiango 5°, "Zé colméia" 5° e "Cumamão 6° também são uma boa opção de se usar aquela peça móvel.

Atualmente

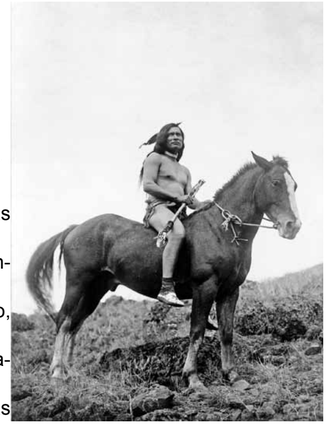
Hoje a Pedra do Romão tem 4 setores de escalada, divididos em setor Puberdade(canto esquerdo), setor Diedro(após contenção), setor Chegada e setor Direito. De 2012 pra cá, o setor voltou a ser frequentado, com o empenho dos escaladores locais Samuel Moreira, Shirlei Machado, empresas que contribuiram com chapeletas e bolts, e com ajuda de outros amigos escaladores da região que voltaram a abrir mais vias no setor despertando a curiosidade da galera da região e de outros estados, como foi o caso da conquista da via "Religare" no setor puberdade, a via mais exigente do setor, com graduação sugerida em 9A (Br) e com apenas um FA até o momento, pelo escalador Rodrigo "Farma". E sem esquecer é claro do grande apoio dos proprietarios Sr.Tonito e Dª Rosa, e do filho Fernando, que vez em quando disponibilizam o trator para um acerto na estrada. Uma nova empreitada para abertura de novas vias em um novo setor ainda "virgem" esta marcado para este ano de 2015, assim como um encontro de amigos escaladores. Esperamos muito em breve poder descrever mais detalhes sobre as novas conquistas e relatos de escaladas no setor!
Abraços...e boas escaladas!

Charlie Alves da *Tia Mada*



A NARRATIVA DE UMA ÍNDIA ANCIÃ

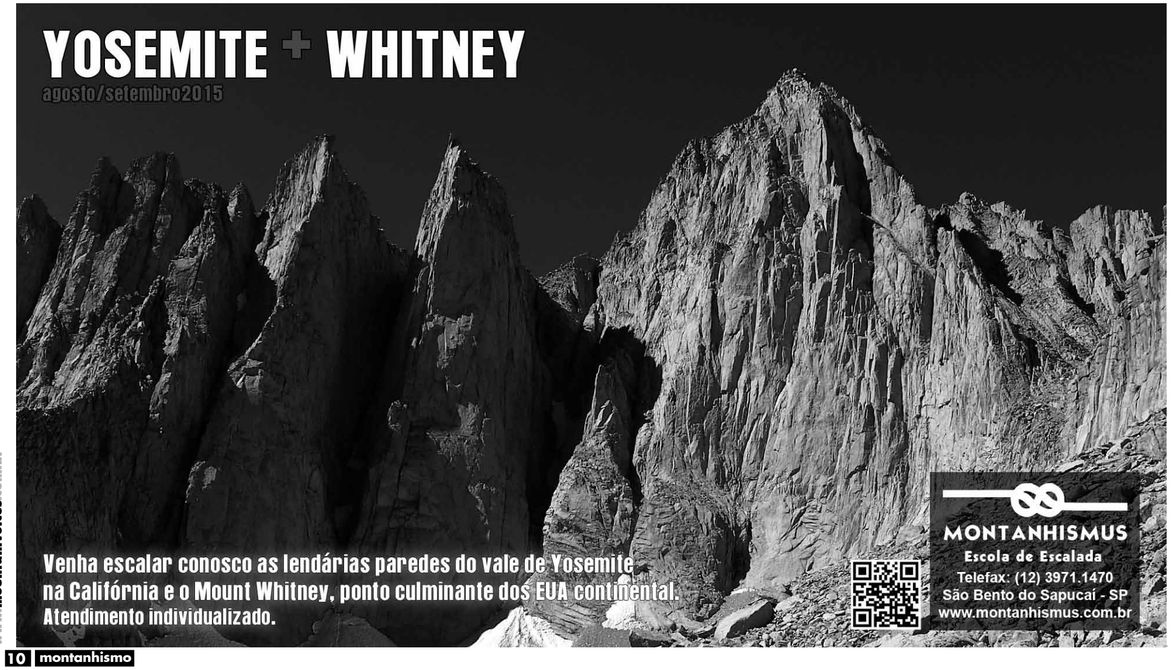
Relatada em 1971 a Bernie Krause em "A Grande Orquestra da Natureza",comentando sobre as mudanças ocorridas em sua vida.



A forma como os xamãs se encontravam com os espíritos guia
O contato com os animais ou com quem quer que seja,
Eles ficavam dançando a cada inverno.
Ficavam fortes e recebiam o poder. Recebiam o poder.
Tudo era diferente.
Deve ter sido naqueles tempos quando tudo era diferente,
O ar limpo, a mata, e assim eles podiam entrar em contato com os animais.
Mas acho que hoje não podem mais.
Acabou tudo – com o barulho e tudo mais...
Certo! Os dias das lendas vão terminar; a humanidade vem chegando.
Nada de dias de lendas.
Nada disso volta.
E eles ficarão tristes como eu,
Com o coração partido porque minha última filha
Não vai voltar nunca mais.
É a morte que a leva,
E é assim que vai ser.

Eu vago solitária pelas montanhas mais altas,
Caminhando até a nascente dos riachos.
Eu nunca estou lá embaixo, nas terras civilizadas.
Fico aqui nas alturas selvagens.
Daqui a alguns anos as pessoas vão perder seus filhos únicos,
E vão sentir isso que eu sinto, tristeza.
E é por isso que estamos assim hoje em dia.
É a tristeza que nos alcança.

Elisabeth Wilson, anciã da tribo norte-americana Nez Percé.
Os Nez Percé protagonizaram a última grande batalha indígena contra o exército norte americano, depois de uma heróica retirada de 2 mil km. Seus descendentes ocupam hoje uma reserva em Idaho, onde criam belíssimos cavalos de cruzamento da raça Appaloosa.



Atravessando o centro-oeste - parte IV

Pirenópolis

Depois de escrever sobre a Serra Dourada em Goiás Velho, visito agora a região de Pirenópolis, próxima daquela em história e em natureza. Mas aqui existe uma cidade mais alegre e uma região mais variada, com serras e cachoeiras, um interessante parque estadual, um vale mágico no alto de uma serra remota, bem como a possibilidade de uma longa travessia.

Alberto Ortenblad | SP

A História

A fundação de Pirenópolis, assim como a de Goiás Velho, está ligada à busca do ouro pelo bandeirante Anhanguera nos inícios do século XVIII. Aliás, a sua primeira rua era uma ligação com aquela cidade. Na época, Pirenópolis era chamada de Meia Ponte, devido a uma enchente que destruiu parte da ponte sobre o Rio das Almas, que até hoje ocupa o centro da vila.
Após o esgotamento do ouro, a cidade cresceu a partir do gado, da cana e do algodão, quando o maior empreendimento era a Fazenda Babilônia, que até hoje existe e pode ser visitada. E, mais recentemente, da mineração de pedra e do turismo – Pirenópolis está bastante próxima de Brasília, Goiânia e Anápolis, três grandes núcleos do Centro-Oeste, o que significa que seus fins de semana são sempre movimentados. Mas, antes disto, a cidade passou por um longo período de isolamento, que ajudou a preservar seu belo casario colonial.
Assim como Goiás Velho, Pirenópolis foi o berço do coronelismo goiano – lá a família Caiado, aqui os Jaime e os Mendonça. Foi exatamente para isolá-los que se articulou a construção da nova capital Goiânia no início do século passado. Mais tarde, o norte goiano sofreu outro golpe com a separação, já no fim do século, do novo estado de Tocantins. É um tanto estranho como as duas vilas não parecem até hoje participar do grande agronegócio goiano.

A Natureza

Pirenópolis é atravessada de norte a sul por uma escarpa, resultado do encontro do elevado planalto brasileiro (numa altitude de 1.000m) a leste com uma formação 300m mais baixa a oeste. O planalto possui uma savana de aspecto campestre e rochoso, sendo irrigado por rios que descem para o Paranaíba, afluente do Paraná. A região interna apresenta vegetação mais densa, banhada pelos cursos da bacia do Tocantins-Araguaia.
O bioma da região é o cerrado, com suas árvores pequenas, de troncos estriados e retorcidos, com folhas duras e ásperas, crescendo num solo aparentemente árido e pobre. Este visual esconde uma grande diversidade vegetal, com inúmeras flores, sejam arbustivas - como os lírios e as quinas do campo, as mimosas e as sempre-vivas – sejam arbóreas – a exemplo das flores da mangaba, do cajuzinho ou do ipê. Existem, naturalmente, arvores de porte como o louro, o jatobá e o pequi, junto com muitas palmeiras como o buriti e a guariroba. Muito comuns são os arbustos de arnica e candombá, intercalados com várias gramíneas.
Na realidade, há momentos em que parece haver regiões de transição no cerrado, com exemplares seja da mata atlântica ou da caatinga convivendo com os campos tão típicos daquela vegetação. A Fazenda Vagafogo é um bom local para você perceber isto. Cirillo Tovar opina que isto se deve à posição central do cerrado na geografia brasileira, compartilhando fronteiras com os outros biomas, dos quais passa a sofrer influência.
Não tão rica como no Sudeste, a fauna do cerrado é, ainda assim, bastante variada, principalmente em pássaros. Devido às altitudes rochosas, é possível o avistamento de aves raras, como a águia chilena e o urubu rei. Os mamíferos mais típicos são os macacos prego e guariba, os lobos guará, as antas e os tamanduás – e, eventualmente, onças e jaguatiricas - mais facilmente encontrados nos locais úmidos das veredas e matas. Estas, entretanto, estão sendo crescentemente fragmentadas devido à ocupação do solo.

Os Pirineus

O nome da cidade provém da serra que a circunda, que compõe a escarpa a que me referi antes. Diz a tradição local que havia catalães nas proximidades, que achavam o perfil da serra semelhante ao dos Pirineus, cadeia situada entre a França e a Espanha. De fato, ela apresenta duas ou três corcovas que lhe dão um desenho sugestivo.
Mas a Serra dos Pirineus tem importância histórica. A Constituição brasileira do século XIX determinava uma zona de 14 mil km2 no Planalto Central para nela estabelecer nossa futura capital. O astrônomo Luiz Cruls chefiou uma comissão que chegou à vila de Pirenópolis para demarcar os quatro vértices do chamado Quadrilátero Cruls, num trabalho aventuresco que durou meio ano. O local foi escolhido devido à longa vista propiciada do grande planalto.
Cruls concluiu que a região era salubre, segura, bem irrigada, dotada de bom clima e suas planícies, segundo disse, com declividades suaves que se prestavam admiravelmente para uma grande cidade. E lá foi construída Brasília, embora os atuais limites do Distrito Federal resultassem apenas 1/3 do Quadrilátero.
Naquela época acreditava-se que o Pico dos Pirineus estaria a 3.000m de altitude, superando os três gigantes então conhecidos: o Itatiaia, o Itambé e o Itacolomi (curiosamente, já escrevi sobre todos eles neste jornal). Porém Cruls determinou, pelo ponto de ebulição da água, que ele mediria 1.385m – e estava rigorosamente certo.
Mas, antes da Comissão Cruls, Pirenópolis foi visitada no início do mesmo século pelo francês Saint-Hillaire, incansável naturalista que hoje seria considerado biopirata – aliás, como todos botânicos andarilhos de sua época. Vivo encontrando menções de suas passagens pelo Brasil, do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul. Sua viagem a Goiás foi de grande importância histórica, pois escreveu sobre a vila, as fazendas e os índios.

O Parque

Havia na região a ideia de que a Serra dos Pirineus deveria ser abraçada por um parque natural. Em 1987, praticamente cem anos depois da Comissão Cruls, foi lá criado um pequeno Parque Estadual, com 2.800 ha. Naturalmente, seu ponto de maior interesse é a montanha, na realidade uma feiosa e modesta formação em quartzito que você percorrerá em cerca de ½ hora.
Ele fica a 20 km de Pirenópolis, através de uma estrada irregular de terra, que a liga a Cocalzinho. Ela é chamada pomposamente de BR 070 ou São Paulo-Cuiabá – voltarei a falar dela em outro artigo. Do alto do pico é possível descortinar seu traçado impecavelmente retilíneo, bem como o curioso Morro Cabeludo, onde os escaladores acabaram afugentando as águias chilenas que lá procriavam. E todo aquele mar verde pálido que compõe o Brasil Central.
O Parque contém 12 km de trilhas pouco definidas, que atravessam seus campos rupestres de altitude e são de percurso um tanto áspero, devido ao clima e à vegetação. Mas seu esforço será recompensado pelos muitos poços para banhos, bem como pela Cachoeira Sonrisal, com seu corte diagonal na pedra. A outra queda, chamada Cachoeira da Onça, não pode ser visitada.
Apesar de o Parque não contar com nenhuma estrutura e não ser sequer cercado, Pirenópolis pode ser considerada afortunada, por possuir outras sete Unidades de Conservação, uma delas sendo a APA dos Pirineus, outra a Reserva Ecológica da Vargem Grande, outras quatro sendo Reservas particulares e uma última, um Monumento Natural, do qual falo logo abaixo.

A Cidade de Pedra

À semelhança de Goiás Velho, Pirenópolis tem também a sua Cidade de Pedra, composta por aforamentos rochosos numa extensa área de talvez 2.000 ha (segundo outras fontes, de apenas 600 ha), considerada a maior do país. Fica a 56 km da cidade ou, mais facilmente, a 25 km de Cocalzinho, sendo um tanto precário o seu acesso. Lá o quartzito forma impressionantes figuras lembrando objetos, rostos ou animais, que se desenvolvem ao longo de labirintos rochosos, intercalados com zonas de arbustos e gramíneas. As trilhas são irregulares e de difícil orientação, sendo penoso o avanço através delas, pois é uma região quente e seca.
Você pode caminhar por 7 a 10 km no seu interior, dependendo da sua curiosidade e resistência. Há momentos impressionantes, em que você será circundado por um anfiteatro de pedras, com formas entre curiosas e ameaçadoras. Aconselho que você se faça acompanhar por alguém que a conheça, pois no meu caso, mesmo com um guia local, não foi tão fácil encontrar nosso carro na volta, através da neblina, do carrascal e das rochas.

As Cachoeiras

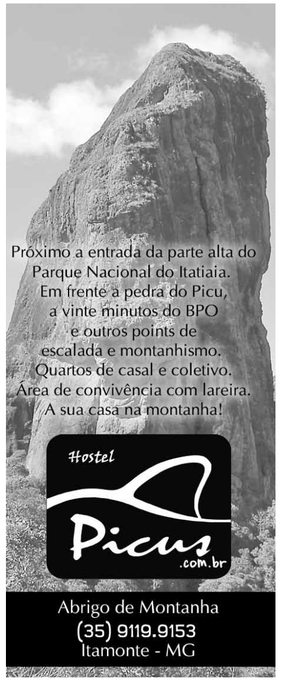
Apesar de seu aspecto seco, Pirenópolis é banhado por diversas cachoeiras, das quais conheci cerca de vinte. A maior parte delas fica a distâncias moderadas da vila, de até 20 km, sendo com frequência algo urbanas. Se você aprecia como eu o isolamento das montanhas, alcançadas após árduas subidas, não deverá conviver bem com os acessos fáceis destas quedas e com a muvuca que as visita nos fins de semana.
Mas há exceções. Existe no alto das Cachoeiras Bonsucesso (6 km a norte) um lindo lago isolado de águas azuis, cercado por rochas. É muito interessante a área da Cachoeira do Abade (17 km a nordeste), com sua queda de 22m, alcançada após uma trilha de 3 km que passa por mirantes e corredeiras. Bem como o caminho que percorre a Cachoeira do Rosário (37 km a noroeste), com sua bela queda de 35m à sombra da mata ciliar.
Mas, a meu ver, não há nada comparável às Cachoeiras dos Dragões (42 km a norte, no rumo de Goianésia). Ficam numa área alta e isolada que pertencia a Zé Playboy e acabou sendo comprada por um grupo budista, que nomeou as oito cachoeiras lá existentes de acordo com os passos do autoconhecimento. Estes foram ilustrados por histórias do dragão: por exemplo, Dragão Azul, Dragão Verdadeiro ou Rei dos Dragões, uma para cada queda. Percorrê-las ao longo de 4 km é um dos caminhos mais emocionantes que conheço.
Gostaria de fazer agora uma comparação. A mais conhecida das cachoeiras da região é o Salto Corumbá (26 km a oeste), situado na cidade vizinha de mesmo nome - note que é Corumbá de Goiás, não do Mato Grosso. É uma queda volumosa e monumental, de 55m, visível de longe diretamente da rodovia. Não há mais nada à sua volta que não seja o espetáculo público do rio se precipitando espetacularmente pela parede.
A maior queda nos Dragões chama-se Dragão Voador e cai também de 55m. Delicadamente inserida na mata, suas águas descem com gentileza da rocha, repousando timidamente num lago que me parece misterioso na sua serenidade. Não é um local de espetáculo e sim de recolhimento. As duas cachoeiras só são iguais em tamanho, diferindo de forma profunda na sua beleza.

A Travessia

Embora o clima e o relevo não sejam propícios, é possível fazer uma longa travessia circular, passando por muitos dos locais já referidos. Ela parte no sentido norte, saindo da altitude de 750m da vila e subindo o Morro do Frota (aquele com as antenas, visível a norte da cidade) ao longo de uma estrada vicinal, íngreme, monótona e arenosa. Ela deve ser abandonada ao se alcançar um platô a 1.200m. A partir deste ponto, o caminho atravessa uma fazenda, tornando-se plano e aberto, arejado e interessante. Ele passa pelo Morro do Pedro e alcança a Reserva da Vargem Grande, depois de talvez 12 km.
Este é um belo local amplo e verdejante, ocupado por fazendas de uma mesma família, onde você deverá pousar. Existe a possibilidade de conhecer quatro quedas – as distâncias são de 4 a 5 km ida e volta cada uma, acessando respectivamente as Cachoeiras do Lázaro/Santa Maria e do Coqueiro/Garganta. Esta última, com suas rochas fraturadas e seu aspecto forte, pareceu-me a mais impressionante. Visitá-las acarretará mais um dia neste mesmo local, num merecido repouso perto dos pastos das éguas e suas crias.
Nos fundos da Vargem Grande fica o Morro do Macaco, que você deverá subir pela íngreme, porém curta e sombreada Trilha do Defunto, assim chamada porque estes eram carregados em mortalhas para serem enterrados na cidade. Ao descê-la, você entrará no bucólico Vale Dois Irmãos, onde existe um convento de franciscanas. Deixe a estrada vicinal para novamente subir, desta feita para quase 1.400m numa trilha árida e íngreme, dentro de uma vegetação baixa de campo. Agora você estará chegando ao Vale dos Dragões, depois de mais 15 km, para seu terceiro pouso, nos bons alojamentos lá existentes, ao lado de um local para meditação budista.
O dia seguinte, quarto desta travessia, será naturalmente dedicado à exploração do conjunto das oito cachoeiras, com ênfase nos poços da ampla laje do Rei dos Dragões. Aproveite este momento de descanso, pois serão apenas 4 km, para diminuir o seu diálogo interior. Os Dragões pertencem à mesma Serra da Água Limpa (ou São Gonçalo) que a Cidade de Pedra, da qual você está apenas 8 km distante, por mais uma inevitável e desgastante estrada vicinal no alto da serra. Portanto, é possível explorá-la durante o dia seguinte, num duro percurso de 15 km. Agora, você precisará de um carro de apoio para chegar a uma pousada próxima.
No sexto dia, você poderá conhecer o Parque dos Pirineus, seja subindo ao pico, caminhando por suas trilhas ou visitando suas piscinas naturais. Passando pelos campos rudes e úmidos do Morro Cabeludo, com uma vegetação lenhosa e arbustiva, é possível chegar até o estreito vale da Cachoeira do Abade, num percurso variável, de talvez 20 km, dentro de uma natureza áspera do cerrado. Daqui você deve pousar numa fazenda próxima. Finalmente, percorrerá no sétimo e último dia mais 8 km, evitando a estrada principal e passando pelo cânion das Andorinhas e por mais uma bela cachoeira urbana, até retornar a Pirenópolis pelo norte, depois de tê-la avistado de cima.
Não realizei a pé toda esta travessia de 80 km e sim a cavalo o equivalente a seus dois primeiros dias – o que considero bem mais conveniente. Mas conheci separadamente as regiões dos demais dias restantes: as cachoeiras, o pico e o parque. E acredito que valha de fato a pena você investir toda uma semana neste belo percurso, afinal você terá visitado todos os principais locais – deixe os dias antes e depois para conhecer a cidade.

Nem Tudo Festa

Pirenópolis é uma cidade alegre, voltada para a sua cultura – o principal evento são as Cavalhadas, no início do inverno, onde é encenada já há quase dois séculos a batalha entre mouros e cristãos, durante três dias de luxo, festa e alegria. Mas não se trata de um espetáculo encenado para os visitantes, como esses Carnavais das cidades praianas, e sim de uma tradição vivida a cada ano com emoção por seus habitantes.
Mas nem tudo é festa nessa cidade tão especial. O peso da tradição me pareceu opressivo, conformando as pessoas a comportamentos esperados, como nos barulhentos eventos das Cavalhadas, antes e depois dos festejos, que duram nada menos do que três semanas. E impressiona a exploração dos cavalos, alguns sendo levados ao extremo de sua resistência. Parece absurdo que a principal indústria local seja a poluente exploração das minas de quartzito (ou Pedra de São Tomé), gerando cerca da metade da renda do município. As cicatrizes de sua exploração mostram-se dolorosas, quando você as enxerga de longe, como do alto do Morro do Frota – ou de perto, no pó depositado nos pulmões dos operários.
E os cuidados ambientais parecem cada vez mais frágeis, diante da pressão do turismo, na exploração das trilhas ou na bagunça das cachoeiras. Eu sempre acho que a natureza é mais forte, que sobrevive e se regenera por seu poder interno. Que assim seja, para podermos sempre aproveitar as tão especiais belezas de Pirenópolis.
Alberto Ortenblad, São Paulo
ortenblad@terra.com.br

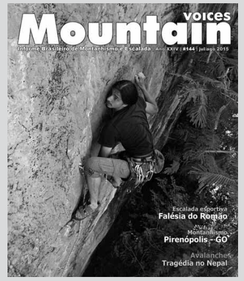


www.mountainvoices.com.br

Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices *é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a pratica deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.*

Editor: Eliseu Frechou
Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000.
E-mail: contato@montanhismus.com.br.
Web site: www.mountainvoices.com.br.
Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, criticas e apoio.



Capa: Samuel Moreira na *Vai Danada*
Imagem: Eliseu Frechou

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP.
Preços válidos até **30/06/2015**.

Nome.....

Endereço.....

Cidade.....Estado.....

CEP.....-.....Telefone.(.....).....

E-mail.....

Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....
Já participou de: ( ) Campeonato ( ) Encontro ( ) Palestra
Que modalidade pratica com mais assiduidade: ( ) Caminhada
( ) Escalada tradicional ( ) Escalada esportiva ( ) Boulder

( ) Assinatura Mountain Voices - R$ 25,00
( ) Renovação assinatura - R$ 20,00
( ) Assinatura 2 anos - R$ 40,00
( ) Número atrasado do Mountain Voices - R$ 5,00 / exemplar
( ) Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R$ 20,00
( ) Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R$ 20,00
( ) Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R$ 20,00

144

Total .....,00

Vídeos de Escalada Mountain Voices

Digitalizados no formato DVD. Tiragem limitada para colecionadores.
Compre nas lojas de montanha ou pelo site www.mountainvoices.com.br

LANÇAMENTO!

KARMA | TERRA DE GIGANTES | LOBOTOMIA 2 Baú e Região | LOBOTOMIA 3 De PE ao RS | DIAS DE TEMPESTADE mp4 e wmv

Manuais de Escalada e Montanhismo

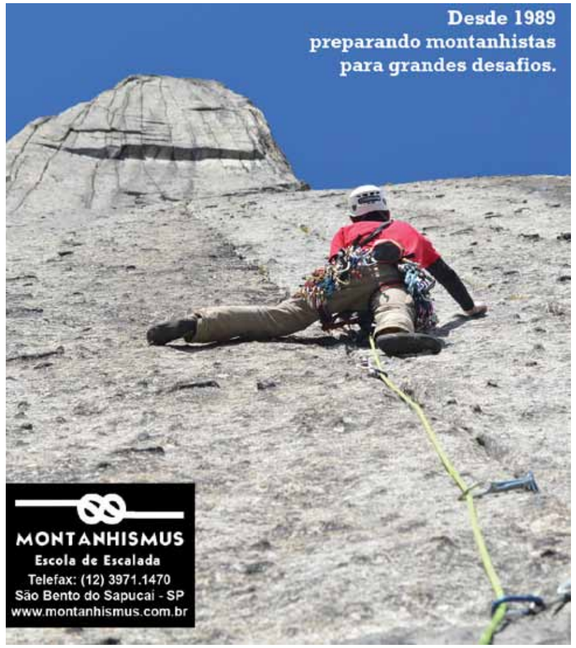
Pedra do Baú
Itatiaia
Serra do Cipó

+ Rotas selecionadas
+ Acessos
+ Dificuldades
+ Croquis detalhados
+ Fotos ilustrativas
+ Sugestão de equipamentos
+ Formato de bolso

RESISTE !

E você, resiste? **Equinox, produtos irresistíveis!**

www.equinox.com.br
EQUINOX



SNAKE

reach the top

EVOLUTION

THE EVOLUTION OF ADVENTURE